

RESENHA

Lila e a luz de Vermeer

Alain Didier Weill

Rio de Janeiro: Editora 7Letras, 2025, 264 págs. (no prelo).

A luz de Didier Weill

The light of Didier Weill

La luz de Didier Weill

La lumière du Didier Weill

DENISE MAURANO

Diante do modo como nós, seres humanos, por termos nos tornado falantes, lidamos com o distanciamento frente ao que chamamos de natureza, nós, que somos considerados a última maravilha da criação, podemos nos deparar tanto com um silêncio inóspito, quanto com um silêncio hospitaleiro. Tudo depende de como ascendemos aos mistérios da natureza velados pela aquisição da linguagem humana.

Com este argumento, a partir de uma profunda reflexão acerca da evolução de um caso clínico, mais precisamente de uma cantora de Ópera, Didier Weill abre uma série de questões que, em última instância, iluminam o de que se trata em nosso encontro com o sublime, por ele nomeado não à toa como sublime feminino. Não esperem neste livro encontrar respostas fechadas, mas uma pluralidade de questões que, para além de avançar teórico-clinicamente sobre o caso tratado, demonstram o talento investigativo que atravessa o desejo do psicanalista, lançando-o numa profunda e indispensável relação com a cultura e com o seu tempo, através de uma escuta ilimitada em direção ao que há de ilimitado no ser falante. Eis aí o que há de mais fundamental na ética da psicanálise.

Vocês já pensaram sobre qual é o segredo da leveza do dançarino que consegue representar o imponderável e transmitir o imaterial? Ou, como o pintor faz aparecer a imagem que mostra o inimaginável? Ou como o músico nos faz ouvir o inaudito?

A pertinência clínica destas questões que iluminam a reflexão do psicanalista passa pela perspectiva de se subtrair o sujeito da fixação neurótica que o paralisou, “retorno ao ponto de onde o devir volta a devir possível” (p. 17). De certo modo, regressar ao que foi interrompido e se fixou na defesa sintomática. Trata-se de acessar um saber que, ao produzir esse retorno, se dirige ao que há de ilimitado em nós.

A paciente, que quando cantava na ópera, podia se jubilar com o olhar encantado do público, e acreditar na beleza que ela emanava ao cantar, sofria de fracasso sentimental na medida em que não conseguia se sentir verdadeiramente vista pelos homens para além da beleza física que os seduzia e em cujo desejo ela não reconhecia nada de próprio a ela.

Era como se houvesse uma dissociação entre sua voz e sua imagem, ou entre seu canto e sua fala. Ao ponto de batizar como Lila, a essa outra que podia se regozijar ao cantar. Já o olhar dos homens lhe caía como a injunção nada jubilatória: seja linda e cale a boca! Que, por mais que pudesse ecoar algo da cultura masculina, era interpretado de modo automático, alheio à sua responsabilidade inconsciente.

Entretanto, ao trazer para análise a experiência de se deparar com uma outra luz, um outro modo de visibilidade, que para ela emanava da pintura *A leiteira* de Vermeer, viu descortinar-se uma vivência na qual ser vista podia trazer um regozijo. Onde sua parte Lila podia ficar iluminada e não apenas confinada ao seu canto, sua voz. É como se o real de um fluxo luminoso tivesse sido tocado pela luz de Vermeer, a luz do olhar do pintor, e diante disso a relação com imagem pudesse ser ressignificada e ela pudesse ser olhada e consentir com a perda de todo o controle possível do que lhe vem do olhar do outro. Deu-se a inversão: “Era a pintura que olhava para ela e que, como um vidente, via nela um real que ela nunca suspeitava que pudesse ser visto”, o que desfaz o constrangimento com sua imagem.

Didier-Weill propõe que “o artista tem uma conexão de estrutura poética com o real primordial transfigurado pela ação do significante” (p. 29). Isso se daria por conta de um luto primordial (e não um recalamento) da vinculação instintiva e conatural com os objetos, relação que foi substituída com a pulsão. Trata-se de uma conexão sincrônica e não diacrônica com esse real vibratório. Uma relação imediata, em um só tempo, com o mistério de nossa vinculação à natureza, que de diferentes maneiras compareceu naquilo

que o artista conseguiu acessar. Assim, a discussão sobre o caso faz-se mote para iluminar de modo engajado diversos aspectos da função da arte na cultura, nos projetando sempre para um mais além, ao modo didierweilliano.

DENISE MAURANO

Psicanalista.

Pós-doutora em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e pela Université Nice Sophia Antipolis (França).

Doutora em Filosofia pela Université Paris-est-Créteil Val-de-Marne e pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Foi Professora Titular da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro até 2019.

Membro do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise – Seção Rio de Janeiro.

Editora de *Psicanálise & Barroco em Revista* desde 2003.

dmaurano@icloud.com

Orcid: 0000-0003-3498-3773

Citação:

MAURANO, Denise. A luz de Didier Weill. Resenha do livro *Lila e a luz de Vermeer*, de Alain Didier Weill. **Psicanálise & Barroco em Revista**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 1, 2024.

Submetido: 27.12.2024 / Aceito: 29.12.2024

COPYRIGHT

Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio para propósitos não-comerciais, desde que o autor e a fonte sejam citados / This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium for non-commercial purposes provided the original authors and sources are credited.

